

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA
RITA

O SEculo

CAUTELA COM OS TRAMBULHÕES

POR LAURA CHAVES

DESENHOS DE A. CASTAÑÉ

Pôsto ao canto do salão,
sôbre peanha doirada,
com aspecto majestoso,
morava um belo jarrão
vindo da Índia encantada,
sobranceiro e orgulhoso.

Era uma preciosidade,
talvez a coisa melhor
que essa sala ornamentava,
entre tanta raridade
sentia-se rei, senhor
de tudo quanto ali estava.

Frágil, linda e pequenina,
no chão, sob uma «console»,
na frente dela existia

uma tigela da China,
filha do país do sol,
onde uma falha se via.

O jarrão nem a mirava
lá do cimo da peanha,
por lhe faltar um bocado,
e muito se arreliaava
que porcaria tamanha
vivesse ali, a seu lado.

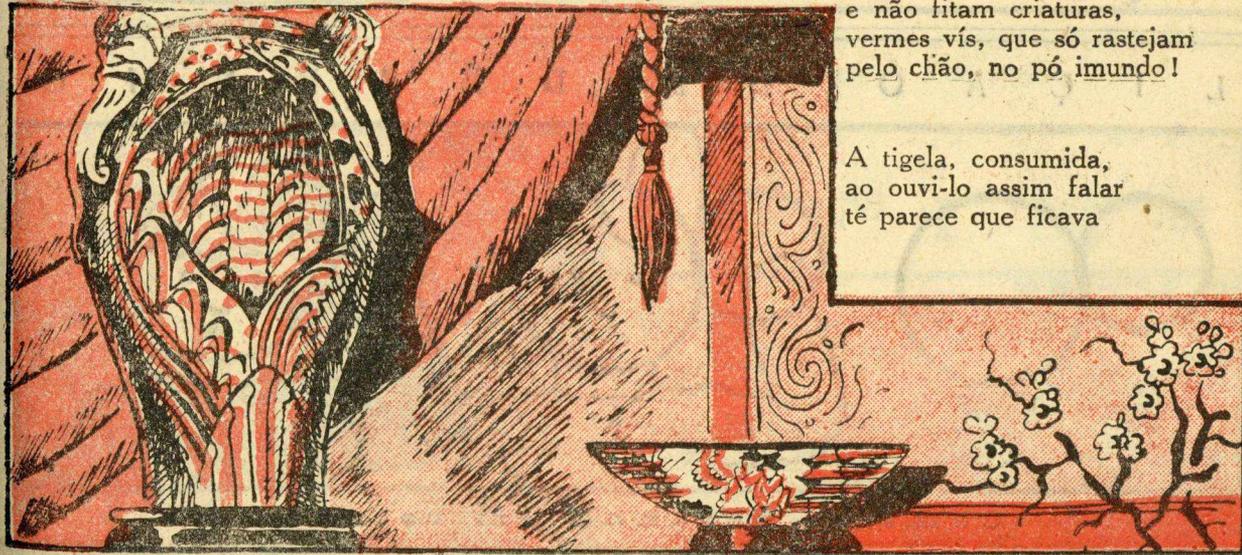
Mas ela passava a vida
num êxtasi para êle,
em contínua adoração,
e era já coisa sabida
a grande paixão fiel
que dedicava ao jarrão.

Ele, vaidoso a valer,
dizia todo irritado
quando lhe falavam dela:
— Um tal amor é descer!
E' vergonha ser amado
por essa *meia tigela!*

Coitada! Teve má sina!
Veio a cair na desgraça,
o destino foi-lhe ingrato!
Lá porque nasceu na China,
dum reles caco não passa
bom para servir ao gato.

Eu vivo cá nas alturas,
os meus olhos só adejam
sôbre o que é rico no mundo,
e não fitam criaturas,
vermes vís, que só rastejam
pelo chão, no pó imundo!

A tigela, consumida,
ao ouvi-lo assim falar
té parece que ficava



muitíssimo mais partida, tentando em vão ocultar a mazela que a vexava.

Um dia a criada ferra, com seu modo desabrido, o tal jarrão, de cangalhas, que num pronto foi a terra e no chão ficou partido em mais de cem mil migalhas.



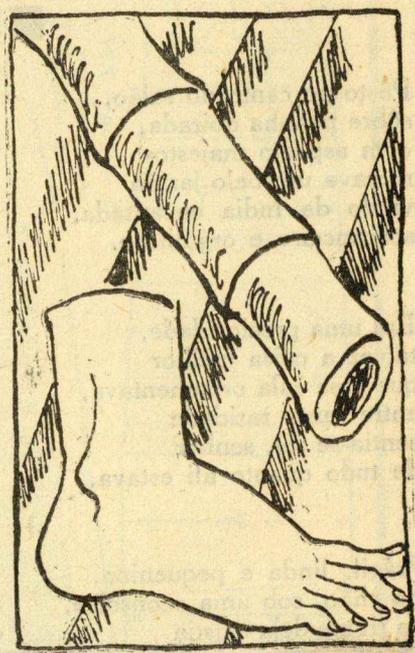
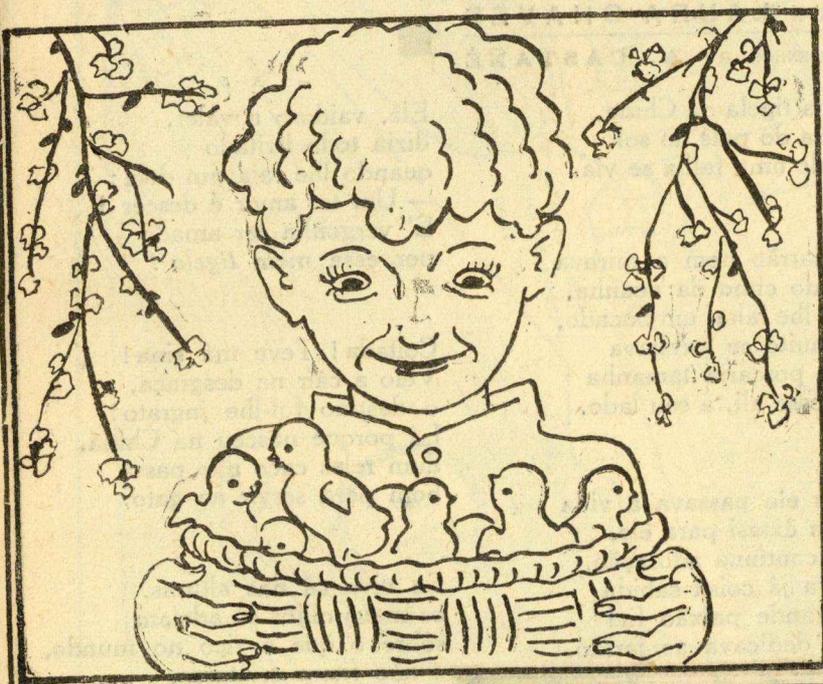
A dona, que andava perto, ficou a pobre senhora mais danada do que um bicho. Vendo o jarrão sem consêrto mandou a criada embora e o jarrão foi para o lixo.

Os que estão de alto, na vida, se um dia vem o diacho e os faz dar um trambulhão,

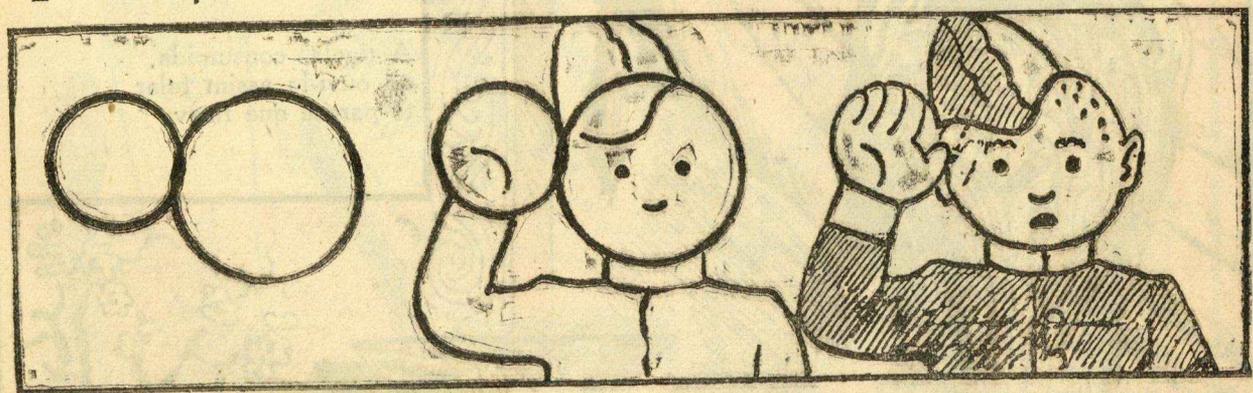
é coias bem conhecida inda vão parar mais baixo do que os que estavam no chão.

PARA OS MENINOS COLORIREM

ENIGMA PITORESCO



L I Ç A O D E D E S E N H O



Como se desenha um recruta

O POTE de FARINHA

Por J. F. S,
Desenhos de A. CASTANÉ

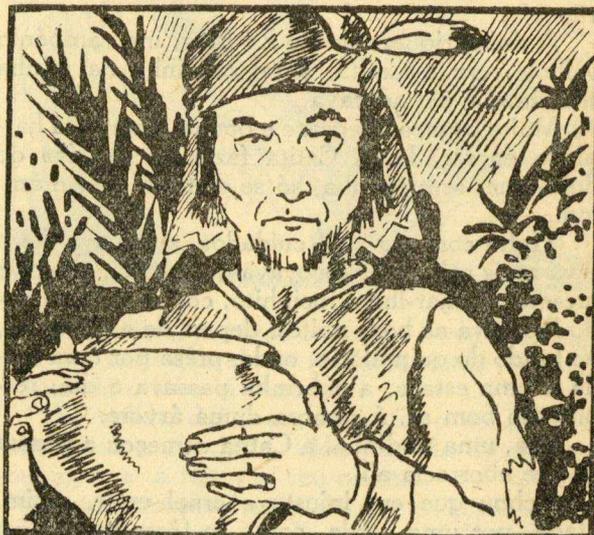
Um pobre homem, chamado Soma-Sarma, recebeu, em esmolas, durante o dia, um pote cheio de farinha.

Ao entrar em casa, pendurou o pote num prego, junto do leito, para o não perder de vista.

Durante a noite, acordou, entregando-se a estas reflexões :

«Este pote está cheio de farinha; se vier uma crise, venderei a mercadoria por cem pêsos (moeda antiga). Com êsse dinheiro comprarei um bode e uma cabra. Quando tiverem filhos, ganharei bastante vendendo-os e adquirirei um boi e uma vaca. Venderei os vitelos e comprarei búfalos. Com o produto do rebanho, acabarei por ter uma coudelaria donde obterei lucros importantes. Construirei uma bela casa tornando-me um homem de nome e qualquer pessoa opulenta me oferecerá a sua filha, em casamento, com um rico dote. Terei um filho a quem porei o meu nome:— Soma-Sarma. Logo que êle começar a andar, colocá-lo-ei sôbre o meu cavalo, ficando á minha frente. Assim, quando êle me vir, não deixará de abandonar o colo da mãe, correndo para mim. Chamarei minha mulher para o levar de novo para junto de si, e, se ela me não obedecer prontamente, dar-lhe-ei um pontapé.»

Dizendo isto, Soma-Sarma estendeu o pé com tamanha violência que partiu o pote, espalhando



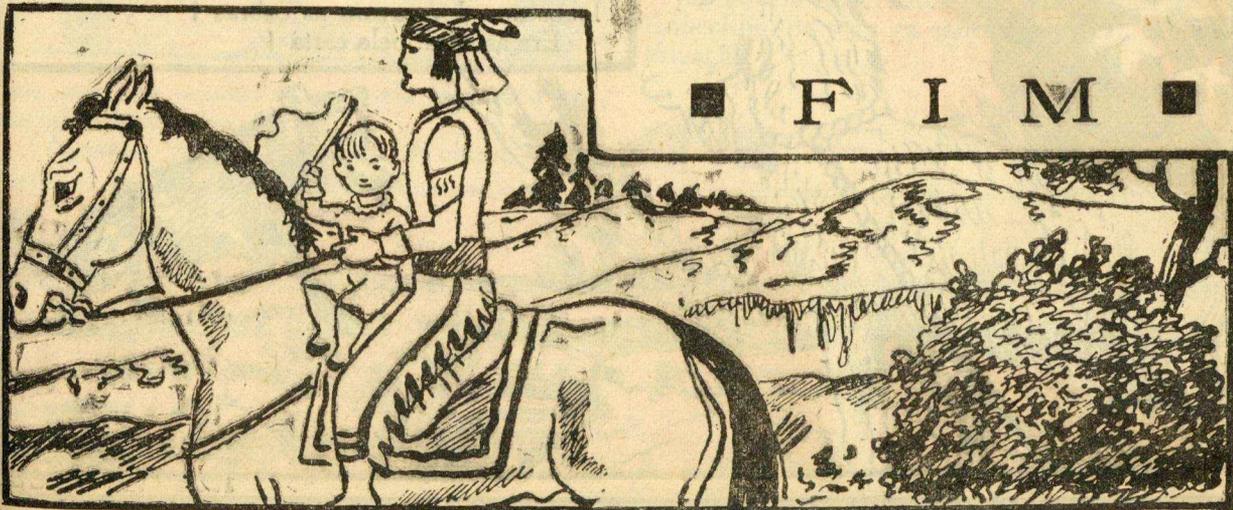
a farinha, enchendo-a de terra e de poeira. Desta maneira, ficou completamente inutilizada.

Adeus tódas as esperanças ! Soma-Sarma encontrou-se pobre como dantes.

*
* *

Mais uma vez teve razão o velho ditado: Quem tudo quere ... tudo perde.

■ F I M ■



A CABRINHA DO TIO ZÉ BRAZ

Por ANÃO SABICHÃO
Desenhos de A. CASTAÑE

Vou contar-lhes, meus amiguinhos, a história duma cabrinha que tem a sua moralidade, como vão vêr.

A única riqueza do tio Zé Braz, um campônio velhote, era a Catita, a tal cabrinha da minha história que êle adorava.

Muito branca, elegante e bonita, com uma barbicha engraçada, a Catita fazia as delícias do dono que, sem família, só se distraía com o animal.

Tinha com ela mil cuidados, arranjava-lhe a erva mais saborosa, escovava-lhe o pêlo, chegava mesmo a beijar-lhe o focinho, côr de rosa, quando lhe dava as boas noites, depois de a ir buscar, ao fundo do quintalório, onde, prêsa por uma corda a uma estaca, a cabrinha passava o dia, respirando bom ar, á sombra duma árvore.

Ora, uma tardinha, a Catita começou a pensar que se aborrecia ali.

Achou que era injusto e cruel estar, assim, atada, por uma corda, como se fôsse um vulgar cão de guarda ou burro lazarento.

Acusou o tio Zé Braz de falta de generosidade, para com uma cabra tão linda, que, pelo seu egoísmo, se via ali fechada !

E sem reflectir na ingratidão que mostrava por um dono tão bom, a Catita esperou que êle saísse, e, com tōda a fôrça, desatou a puxar, a puxar pela corda, até que a própria estaca cedeu. Com a corda e a estaca a arrastar, ela fugiu campos fóra.

A galope, galgou sebes e valados.



Já longe, decidiu parar, muito feliz por se vêr num mundo desconhecido, cheio de barrancos, pedras e cardos, coisas que nunca, em sua vida, ainda vira, de perto !

E, tonta de contentamento, saltava como doída, quando, de repente, quedou petrificada.

A pouca distância, um medonho lobo pardo, olhava para ela, com uns olhos brilhantes de maldade, e abria uma bōca enorme, donde escorria baba.

A Catita encheu-se de corágem !

Muitas vezes ouvira contar ao dono, histórias heróicas e tinha a certeza que era preciso muita audácia, para nos saírmos bem dum caso tão grave, como aquêle !

Na verdade, deixar-se, assim, engulir por um animal medonho, ter uma morte tão horrível, era tremendo !

Nunca ouvira dizer, isso não, que uma cabra tivesse morto um lobo, mas que eram sempre os lobos que devoravam as cabras !

Era asneira, pela certa !





Portanto, não tentaria lutar com a fera !
Trataria de fugir.
E assim fez !

Ela corria, com a maior velocidade que lhe davam as pernas finas e ágeis e, atrás, no seu encalço, o animal feroz, espumando cada vez mais baba, e uivando como um danado.

A Catita seguia o mesmo caminho que fizera há pouco e, lá ao longe, já avistava a casa do dono.

Mas ía tão extenuada, que tremia, na idéa de não conseguir alcançá-la, a tempo.

Quando, por fim, lá chegou, viu, que a porta ficara aberta.

Como uma seta, penetrou por ali dentro, sempre seguida pelo medonho lobo pardo.

Mas o seu dono não estava lá, para a defender.

Sentiu-se perdida !

A corda e a estaca que arrastava consigo, atrapalhavam-na imenso.

Deu a volta ao quintalório e o lobo fez o mes-



mo, sar pela porta, prendeu-se nela e levou-a consigo. Isto fez com que ela se fechasse, atrás da cabra, deixando o lobo lá dentro.

Ao voltar, daí a um instante, o tio Zé Braz, encontrou a cabrinha, tãda trêmula de medo, e ouviu uivar a fera, no seu quintal.

Não compreendeu nada do que se passara, mas foi, imediatamente, pedir a um vizinho, uma espingarda. De cima do muro atirou sôbre o terrível lobo, até que o matou.

Depois, deu um beijo no focinho da Catita e pegou-lhe pela barbicha, com muita ternura.

Felizmente, não sonhou o pobre tio Zé Braz que a sua cabrinha, fôra ingrata, por uns momentos, mas, agora, depois daquele castigo, para o futuro, nunca mais ela se lembrou de se queixar do tio Zé Braz nem da estaca que a prendia, pois, devido a ela, é que não sofrera morte tão terrível !

Como recordação daquele dia desagradável, o tio Zé Braz mandou embalsamar o lobo pardo, que, ainda faz tremer a Catita, quando ela olha os seus medonhos olhos de vidro.

E a moral da história, meus meninos ?

E' aquela estacozinha que parecia um grande empecilho na vida da cabrita e, afinal, foi a sua salvação !



mo, mas, na ocasião em que ela tornara a sair, sucedeu uma coisa curiosa.

A estaca, pegada no extremo da corda, ao pas-

■ ■ F I M ■ ■

■ A S 4 I D A D E S ■

EDITORIAL-SECULO — Acaba de pôr á venda esta interessante
PEÇA RADIOFONICA

DE

AUGUSTO DE SANTA-RITA — Preço 2\$50

CHIQUINHO tomou EMENDA

Por ANIBAL NAZARÉ

Desenhos de A. CASTAÑE

O Chiquinho, aquele garoto travesso e ladino de quem já tenho tido ocasião de falar aos meninos, resolveu-se, definitivamente a tomar juízo, a ser um menino aplicado ao estudo e bem comportado. E já não é sem tempo! A continuar como até aqui, o Chiquinho faria exame de instrução primária quando já fôsse um homem, de calça comprida, como o primo José, que já anda a estudar para doutor! Era demais!

Quando na aula, o professor lhe fazia alguma pergunta, o Chico respondia ao acaso, sem pensar, e dizia coisas verdadeiramente disparatadas. Duma vez, por exemplo, em que o Mestre estava a explicar o que eram as cores, disse-lhe:

— Ora vamos a ver: Esse fato que o menino tem vestido, de que cor é?
 — E' preto! — afirmou o Chico.
 — Muito bem. E porque motivo diz o menino que é preto?
 — Porque o meu pai o mandou tingir a semana passada!

E' claro que esta resposta lhe valeu uma repreensão, para, outra vez, se lembrar, e não responder, ao acaso, ás perguntas do professor.

Doutra ocasião, tratava-se de contas, e a pergunta foi:

— Quem de seis tira seis, com quanto fica?

E o Chico, distraidamente, entretinha-se a seguir o vôo duma môska, que brincava em redor do tinteiro.

— Então, vejamos! — confirmou, pacientemente, o professor. — O menino tem seis laranjas e eu peço-lho três: — Quantas ficam?

— Ficam seis! — afirmou, convictamente, o Chico, continuando a seguir o vôo caprichoso da môska.

— Seis? Como é isso, se eu lhe peço três?

— E' que o senhor professor pedemas, mas eu não lhas dou!



Outra repreensão, uma carta para o pai, e três dias de castigo, sem sobre-mêsa. Mas o Chiquinho não se emendava! E, tão acostumado estava já ás suas extravagantes respostas, que já as dizia quási sem dar por isso!

Mas, se algumas das respostas, o Chico as dava distraidamente, sem o

Enfim, tantas e tantas fez o Chiquinho, que o pai e a mãe andavam zangados com êle, e não lhe satisfiziam um único desejo.

O Chico não ia ao teatro, nem ao cinema, nem ao Jardim Zoológico, — suas preferidas distrações.

Não tinha bólos, nem sobre-mêsa a seu gosto, nem livros de versos e de contos, de lindas estampas coloridas, e leitura saborosa e instructiva. E o pequeno começou, enfim, a compreender que ia por muito mau caminho...

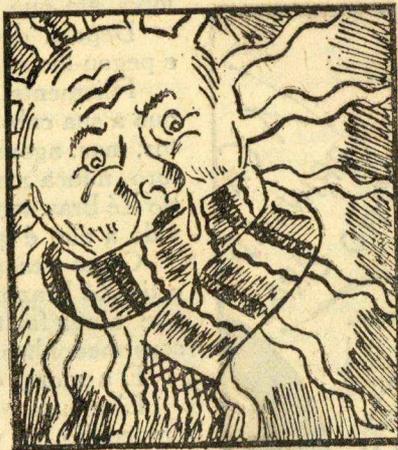
Pensou, pensou, e resolveu-se, definitivamente, a ser um menino obediente em casa, estudioso na escola, e agradável e atencioso em tôda a parte.

E' claro que, ao princípio, lhe devia ter custado muito.

Habitudo, como estava, á maldade e á mentira, devia ter-lhe sido difficil enveredar pelo caminho da verdade e da razão.

Mas a consciência, nos pequenos, é boa conselheira. E o Chico compreendeu, por fim, que se ganha mais em ser bom e estudioso do que cábula e traquinas.

Hoje, o Chico é apontado como modelo a tôda a classe.



fazer por mal, outras havia que dizia propositadamente, e já encolhendo-se a pensar no merecido castigo que o esperava.

Assim, quando o Mestre, há tempos, lhe perguntou:

— Sabe porque motivo o Sol se mostra mais raramente no inverno? — êle respondeu, brincando:

— Sei, sim, senhor! E' porque tem medo de ter frio!

Doutra vez, o professor apontou um cão que estava à janela duma casa, fronteira à escola, e perguntou:

— A que familia pertence aquele animal?

E o Chico sem pestanejar:
 — Naturalmente, pertence à familia do dono da casa!



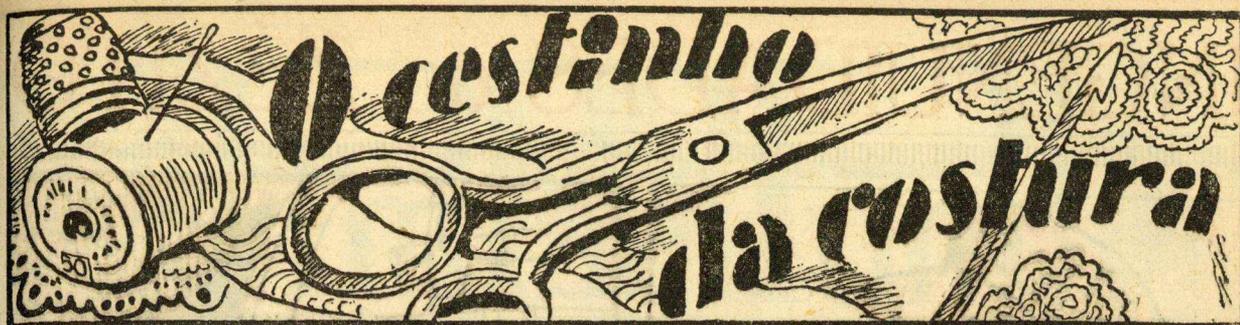
PIM-PAM-PUM

N.º 271

Compram-se exemplares d'êste número na Administração do

«SECULO»

RUA DO SECULO, 59
 LISBOA



Minhas amiguinhas

Temos, hoje, êste pândego, bem disposto, que realiza um concerto de música comodamente instalado em cima de uma barrica! E parece que se sente perfeitamente à vontade e tocando com gôsto!

Em que podereis aplicá-lo e como executá-lo?

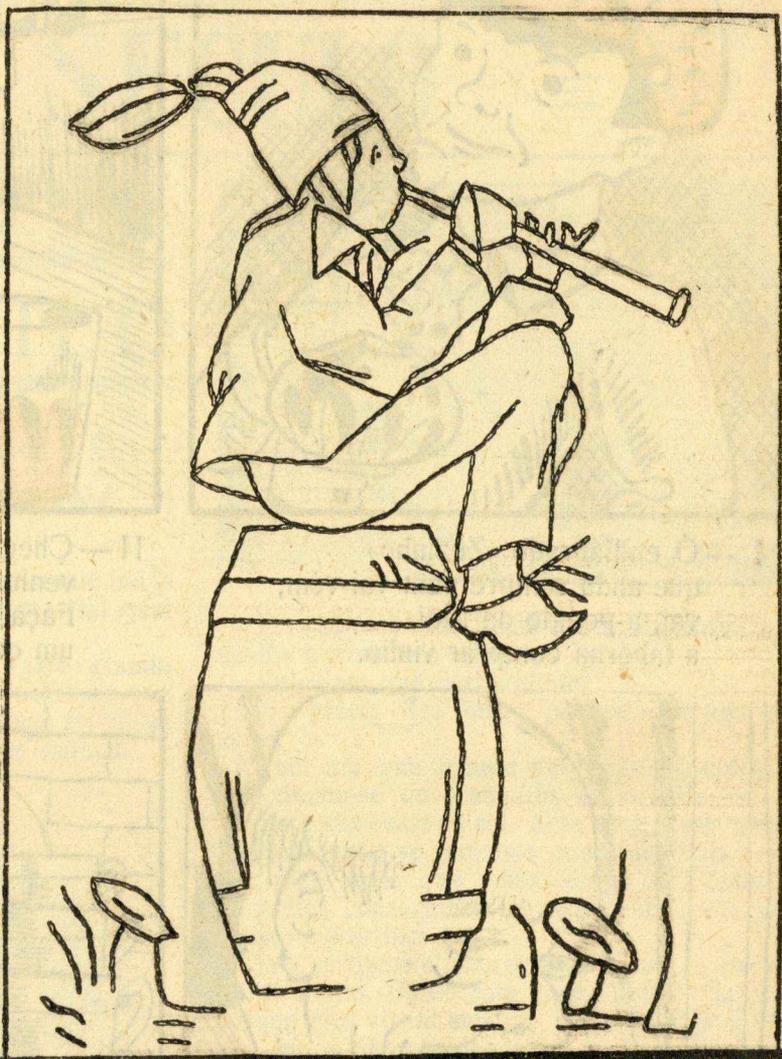
Com êle, podem vocês fazer uma almofada, um saco de trabalho, etc, etc.

O bordado pode ser feito todo no mesmo tom, mas, se lhe puzermos várias côres, ficará mais bonito e o conjunto será mais engraçado.

Assim, temos:— A barrica em prêto; fato castanho; meia e barrete vermelho, borla e gravata azul, tamancos amarelos e a verdura, está claro, verde!

Mãos à obra e vamos ao trabalhinho!

Vossa
Abelha Mestra



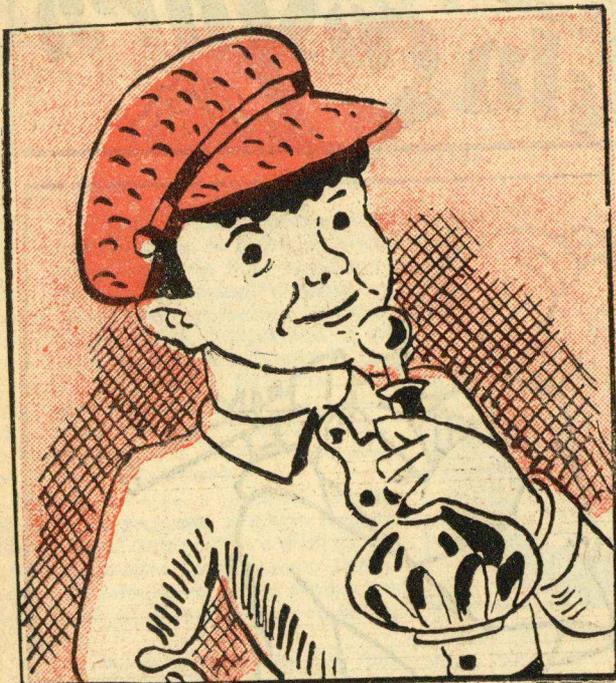
LUIZINHA MARIA

Ó Luizinha Maria,
de vivo olhar engraçado,
há, em teu rosto, a alegria,
dum passarito azougado!

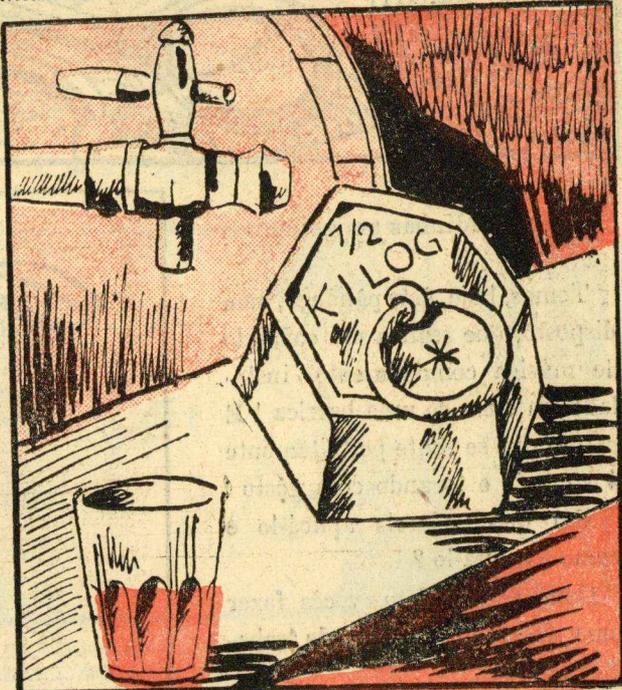
Já sei que és boa e bonita,
(— lisonja, de modo algum!—)
que gostas do Santa-Rita
e adoras o *Pim-Pam-Pum!*



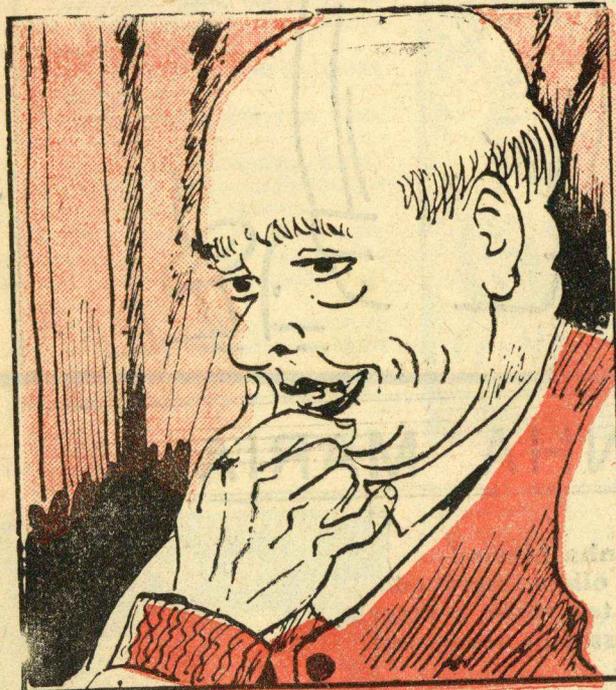
INGENUIDADES do ZÉZITO



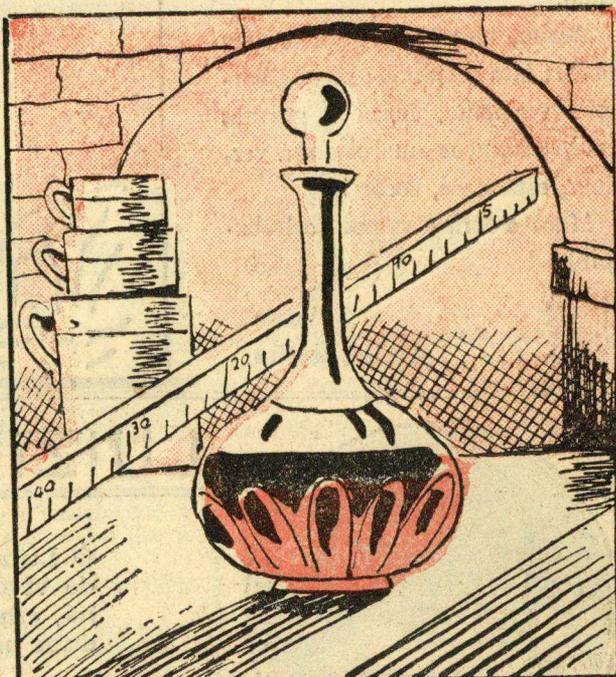
I — O endiabrado «Zezinho»
que anda sempre num vai-vém,
vai, a pedido da Mãe,
à taberna comprar vinho.



II — Chega e diz: — «O «sô» Zê Pinto,
venha, depressa, aviar-me...
Faça a fineza de dar-me
um quilo de vinho tinto.»



III — O taberneiro, surpreso,
volve detrás do balcão:
— «Um quilo de vinho?! Não!
Vinho não se vende a pêso.



IV — Mas, logo, torna o Zezinho:
— «Eu disse mal; tem razão!
Desculpe, que distracção!
Meça-me um metro de vinho...»